

EXCLUSIVO REPORTAGEM

# O Fundão estendeu a mão aos imigrantes e com eles está a salvar toda a região

Numa cidade do interior convivem 74 nacionalidades. Com um Centro para as Migrações como base, combate-se a desertificação e a falta de mão-de-obra. Como se tornou o Fundão um modelo de integração?

**Mariana Correia Pinto** (texto) e **José Sérgio**(fotografia)

11 de Maio de 2024, 7:00



Os gémeos são as "mascotes" do Centro para as Migrações do Fundão. Faith, a mãe, vivia nas ruas do Porto  
JOSÉ SÉRGIO / PÚBLICO

Em lugares onde a desumanização se entranha, a palavra Fundão tornou-se verbo. Almério Cardoso ouviu-a quando imigrou para Lisboa e se viu sem apoio nem futuro: “Fundão. Tens de ir para o Fundão.” O nome da cidade era repetido entre amigos e desconhecidos a sobreviver nas ruas e *hostels* da capital. Como ele. Por timidez ou falta de domínio da língua, o timorense não conta pormenores desses “dias difíceis” finalizados com um resgate do Centro para as Migrações do Fundão. Um ano e pouco depois, tem um emprego e uma casa - na tal cidade-verbo no interior do país. “É um caso de sucesso. E é este o nosso trabalho: acolher com o objectivo de tornar as pessoas nossas vizinhas.”

Quem fala é Filipa Batista, coordenadora do equipamento para onde Almério Cardoso e várias dezenas de timorenses foram nessa altura. O edifício acolhe actualmente 143 pessoas, entre trabalhadores temporários, imigrantes em situação vulnerável, estudantes e refugiados. No Fundão, com 30 mil habitantes, convivem 74 nacionalidades e 7% da população é migrante (2100 pessoas). O número, diz o presidente do município, Paulo Fernandes, peca por defeito: “Contando as famílias, chegamos aos 4000 a 5000 migrantes em algumas alturas do ano.”

A cidade é um exemplo nacional e internacional de boas práticas de integração e, em 2023, foi nomeada capital europeia para a inclusão e diversidade. Ser uma “terra de acolhimento” não é apenas um gesto humanista que salva vidas de imigrantes (<https://www.publico.pt/imigracao>) - é também a salvação da própria terra. A partir dos anos 1960 do século passado, e em apenas 20 anos, o Fundão perdeu quase metade da população activa. Envelheceu e deprimiu-se. “As empresas e instituições estavam a definhar porque não tinham mão-de-obra. E isso significava também uma redução de oportunidades para os fundanenses de várias gerações”, aponta o autarca.

O raciocínio pode ser extrapolado: “Portugal será nos próximos anos aquilo que for a nossa capacidade de ser um país de acolhimento como deve ser.” E se daqui a um tempo, mesmo com “políticas assertivas”, Portugal não crescer, não será estranho, profetiza Paulo Fernandes. Aproveitando o famoso *slogan* de Bill Clinton - “*It’s the economy, stupid!*” - a explicação será simples: “Alguém há-de dizer: ‘É a demografia, estúpido.’”



Almério Cardoso e um grupo de timorenses foi resgatado das ruas de Lisboa. Neste momento, já trabalha e tem casa própria JOSÉ SÉRGIO / PÚBLICO

## “Estou em casa”

São 11h e o movimento no centro para as migrações é tímido. “A esta hora, a maior parte das pessoas está a trabalhar”, explica Filipa Batista, enquanto cruza o seu corredor preferido, um lugar luminoso com vista para o jardim. Vencidas as escadas até ao primeiro piso, avistam-se duas mulheres com bebés ao colo. “São as mascotes do centro”, comenta Filipa.

Com ajuda de uma técnica, Faith, a mãe, vai levar os gémeos às primeiras vacinas. A nigeriana ainda não fala português, mas já abre um sorriso, talvez impossível há muito pouco tempo. Faith vivia nas ruas do Porto com o marido e um filho com menos de dois anos. Sinalizados pela Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA), foram encaminhados para o Fundão. O marido já está empregado, o filho mais velho inscrito no pré-escolar, Faith e os gémeos saíram há dias da maternidade.

Atrás de cada porta daquele corredor há uma história. Muitas são de sobrevivência e sofrimento. Há mulheres com filhos pequenos, ucranianas idosas e sozinhas, homens solitários que fizeram travessias de barco, famílias inteiras. Há quem tenha

fugido da guerra, quem tenha vindo em busca de trabalho, há sobreviventes de redes de tráfico humano. Além das 300 camas (e de um projecto já aprovado para expansão), o centro para as migrações tem um refeitório e cozinha (não se come porco, há sempre opção vegetariana e um prato de um país diferente por mês), um centro de capacitação próprio (que fez escola mostrando ser possível formar pessoas sem documentos e já deu cursos a mais de 200 formandos), uma sala de convívio, um gabinete para a inclusão com uma equipa multidisciplinar e multicultural de 27 pessoas.



Fátima Filipe chegou do Brasil há 24 anos JOSÉ SÉRGIO / PÚBLICO

Fátima Filipe conhece a história de todos. Trabalha no centro de migrações a fazer limpezas, mas dá uso às cadeiras de Psicologia do seu curso de Geriatria. “Vejo-os chegar e penso: ‘Já passei por isso, vou ajudar.’” Fátima veio de Goiás, no Brasil, há 24 anos. Chegou a Lisboa de barco, com três filhos pequenos e um sobrinho. O marido já estava na Covilhã. “Uma semana depois, vim passear para aqui e amei a terra. Sabe quando você bate o olho e fala ‘estou em casa’?”

Não foi tudo cor-de-rosa. Nessa altura, a imigração brasileira sofria o estigma da prostituição. “Recomendavam-me para uma casa e quando viam que era brasileira, não queriam. Ou diziam: ‘Em tal dia não pode vir porque o meu marido está em casa.’” Fátima Filipe resistia. Protegia os filhos e relativizava: “Senti muitas vezes discriminação. Mas enquanto uns discriminavam, outros acolhiam.”

Os três filhos formaram-se em Engenharia. Fátima tem casa, carro e emprego. É feliz. “Tudo o que fazemos na vida temos de pensar: ‘Estou a fazer isto porque quero comprar uma bota, carro, casa.’ Vivo dando esse conselho para ele.” Ele, a sorrir timidamente, é Almério Cardoso: “Porque ele tem sonho. Quer criar porcos na terra dele. Tem de ir atrás.” A mulher olha para outra timorense, ao lado de Almério, e continua: “A Clara tem um sonho também. Mas eu aconselho que tire a carta. Uma mulher com a carta de condução vai para onde quer...”

Quando alguém entra no centro, é acolhido com os bens essenciais e reencaminhado para respostas de saúde. Depois, transita para uma fase de inclusão onde a aprendizagem da língua é um pilar e a integração profissional (o município tem ligação directa a várias empresas da terra) ou escolar (a Escola Profissional do Fundão é parceira) é um desígnio. Se tudo correr bem, segue-se a autonomização, com o apoio inicial na habitação. O município tem cerca de 300 casas arrendadas para subarrendar a estas pessoas. E, neste momento, orgulha-se Paulo Fernandes, o Fundão é “o maior cliente do PRR” nas candidaturas à Bolsa Nacional de Alojamento Urgente e Temporário.

Ashmita Neupane e o marido já estão nessa fase do processo. Têm emprego, a filha está na escola e eles arrendam uma casa com meios próprios. Quem a encontra, sorridente, na sala de descanso da equipa de limpezas do centro, onde trabalha, não imagina o inferno pelo qual passou. “É para contar tudo?”, questiona a nepalesa de 26 anos em jeito de preparação. Ashmita esteve no Dubai e na Polónia antes de ouvir falar de Portugal. Um dia, mudou-se com o marido para Almogrove, em Beja. “Disseram-nos que havia emprego e muitos nepaleses.” E havia. Mas não como imaginavam.



Asmita Neupane viu-se enredada numa rede de tráfico humano em Beja. Agora, trabalha e vive no Fundão  
JOSÉ SÉRGIO / PÚBLICO

As redes de tráfico humano actuavam. Pagaram centenas de euros para ter documentos da Segurança Social e Finanças, 300 euros por um quarto. “Foi muito difícil”, recorda. Mesmo quando Ashmita engravidou, não abandonou o trabalho. “Estava com cinco meses e fazia 10, 12 horas por dia.” No fim, não lhe pagaram o combinado. Desesperados, bateram à porta da Segurança Social: “Foi aí que nos falaram do Fundão...”

Lembra-se muito bem da noite de chegada, com um grupo de 25 nepaleses em situação semelhante. “Conhecia a Filipa [Batista, coordenadora do centro]. Ela disse-me: ‘Não te preocupes. Estás grávida e vamos ajudar-te.’ A filha nasceu pouco depois. “Tudo aconteceu aqui”, conta. No centro e na cidade, encontrou “pessoas muito educadas”. “Tratam-me bem. Estou muito feliz.”

## “Fala português!”

Na sala de convívio, V. M. hesita em contar a sua história. Pede para não ser fotografado nem identificado. Veio da Índia para Portugal a sonhar com outros países da Europa. Acreditava que a formação em Programação Informática o

ajudaria a encontrar emprego e seria trampolim para uma vida melhor.

Esteve em Vila Nova de Milfontes, Portalegre, Porto, Braga, Albufeira. Saltava de cidade em cidade quando achava ter encontrado emprego melhor - ou quando percebia estar enredado em esquemas enganadores. No Porto, viveu num carro. Mesmo quando tinha dinheiro, não queriam arrendar-lhe um espaço. Chegou a trabalhar 70 dias seguidos e ver o salário recusado no fim.

Em 2023, encontrou no Facebook uma oportunidade de trabalho no Fundão e fez de novo as malas. Passou dificuldades até encontrar o apoio do centro para as migrações, onde vive por agora. Está a trabalhar num hotel de luxo e a estruturar a vida, pouco a pouco. A curar as feridas abertas, muito lentamente.

“Já houve quem me tratasse de forma muito rude. Como lixo.” O indiano coloca a conversa no degrau da humanidade: a decisão de deixar o país onde se nasce, às vezes deixando família para trás, como ele, não é simples. “Vimos depois de pensar muito e porque precisamos. É uma decisão difícil. E só queremos ter uma vida melhor.”

Em Portugal, a língua revelou-se um muro de betão sólido. Mesmo falando inglês e estando num país onde muitos já falam essa língua também. V. M. conta a frase mil vezes ouvida, palavras onde cabe uma tonelada de intolerância: “Fala português!” “Para nós é como aprender chinês. Não entendemos nada, é muito difícil aprender.” O futuro é ainda um lugar incerto para V. M. Mas, para onde quer que vá, tentará repetir uma outra ideia, às vezes pouco recordada: “Parecemos diferentes, mas somos iguais. Somos todos humanos.”



Filipa Batista, coordenadora do Centro para as Migrações do Fundão JOSÉ SÉRGIO / PÚBLICO

## Como tudo começou...

A “memória histórica” é a base da pirâmide deste “Fundão, terra de acolhimento”. Para o autarca social-democrata, uma cidade e um país tão marcados pela emigração não podem esquecer-se do que foram e de como sobreviveram. Com isso em mente, arriscou um primeiro “teste”: apesar de não ter “tradição” na área das tecnologias da informação, acreditava que o Fundão podia ser atractivo e um pólo tecnológico, se criasse um programa de acolhimento para pessoas de todo o mundo.

O “Inverno demográfico” fundanense viu alguns raios de sol a partir daí. Hoje, com vários *co-works*, uma incubadora de empresas e laboratórios de inovação, 1200 engenheiros informáticos, e as suas famílias, trabalham e vivem no Fundão.

Seguiu-se uma constatação: a agricultura familiar não dava conta do volume de negócios da cereja do Fundão, eram precisas mãos para colher o fruto. “Tomei a decisão de criar o primeiro equipamento público de apoio a mão-de-obra temporária agrícola”, recorda. Após um acordo com a Diocese da Guarda e com o Alto Comissariado para as Migrações para ocupar um antigo seminário católico há



muito desactivado, o município abriu uma residência para trabalhadores temporários, em Abril de 2016. Meses depois, no mesmo espaço, inaugurava-se também uma residência de estudantes internacionais, sobretudo vindos de países de língua portuguesa. Em 2018, respondendo a um apelo pessoal do fundanense António Guterres, acolheram refugiados que andavam à deriva no Mediterrâneo no navio *Aquarius*, após Itália e Malta se recusarem a recebê-los.

Supermercado adaptou oferta à procura da cidade cada vez mais multicultural JOSÉ SÉRGIO / PÚBLICO

Lucília Albino recebe estudantes migrantes da Escola Profissional do Fundão para estagiar no seu supermercado JOSÉ SÉRGIO / PÚBLICO

No supermercado Miminhos da Natureza, Lucília Albino quis ser parte da solução quando, há quatro anos, surgiu a oportunidade de receber estagiários da Escola Profissional do Fundão. Já perdeu a conta a quantos passaram por ali. “Muitos da Guiné”, diz. De alguns, tornou-se muito próxima: “Arranjo-lhes o que precisam, roupas e também alimentos.”

Quiabo, banana pão, mandioca, inhame, especiarias como curcuma ou caril, sacos de cinco quilos de arroz (“não vendia nada disso até chegarem”), o supermercado internacionalizou-se. “Se tiverem trabalho, ganham dinheiro e gastam no comércio. É bom para todos”, diz a comerciante enquanto faz as contas de uma cliente. A Praça Velha, onde fica a sua loja, “ganhou vida”. “Ao fim da tarde enche-se de gente. Convivem todos. Às vezes há uns copos a mais, mas é tudo pacífico.”

É também essa a percepção de Rosa Salvado e Mafalda, mãe e filha que interrompem a caminhada para dois dedos de conversa. Vivem no Fundão “há muitos anos” e nunca o viram tão cheio de vida. “Não havia nada aqui. Era muito parado. Agora há mais diversidade, mais jovens, mais crianças”, diz Mafalda, já

apoiada num pilar, para descansar do peso da gravidez. Ao lado, a mãe concorda: “É positivo para todos. Desde que as pessoas tenham trabalho e condições para viver...”

Não é difícil encontrar, também, quem se incomode com a diferença. Em frente a uma pastelaria na Praça Velha, um homem declara o seu desejo: “Levem-nos todos”, responde quando percebe o assunto da conversa. “Sou um retornado de Moçambique, tenho uma asa que me dói”, assume. Queixa-se da reforma precária, das vacinas da covid, das parcas regalias para quem tem 81 anos. “Queria ter mais apoios também. Fica tudo para eles...” O nome prefere não dizer: “Ponha anónimo...”

Filipa Batista, também chefe da área de Migrações e Acolhimento do município, saberia contestar parte da argumentação. Fê-lo horas antes, sem o saber. “Há muito desconhecimento sobre estas respostas. As pessoas acham que é a autarquia que financia, e não é verdade. São sobretudo fundos europeus.” O FAMI (Fundo para o Asilo, a Migração e a Integração), por exemplo, financia projectos a 75%. Além disso, Paulo Fernandes não hesita em posicionar-se: “Quem não está do lado humanista não está, a meu ver, do lado certo da História.”

Não é precisa muita atenção para ouvir falar outras línguas. E nem só os migrantes mais frágeis chegam ao interior: há uma imigração altamente qualificada e mesmo casos de empreendedorismo. A cidade ganhou supermercados paquistaneses, barbeiros de indianos, casas de *kebab*, uma livraria de um sul-africano.



Na Twintex cerca de 14% dos trabalhadores são migrantes JOSE SÉRGIO / PUBLICO

Na aldeia de Joanes, no Fundão, fazem-se calças, casacos, *blazers*, saias e vestidos para algumas das grandes marcas mundiais da moda (o segredo é alínea dos contratos). Em 2010, ao adivinhar as dificuldades que se avizinhavam, a empresa fundada por António Mineiro em 1979 criava uma academia de formação para atenuar o problema. “Em 2016, a dificuldade era real”, conta Beatriz Ribeiro, relações-públicas.

A ligação ao Centro para as Migrações tornou o processo natural. Começaram a chegar imigrantes à empresa. Após o desconfinamento da pandemia, a compra de roupa disparou. O trabalho na fábrica, que exporta 100% do seu produto, também. “Havia semanas em que tínhamos grupos de 20 ou 30 pessoas a chegar do centro [para as migrações] para ter formação.” Hoje, são 14% da força de trabalho, com os brasileiros, indianos e paquistaneses a dominar, mas 15 nacionalidades diferentes.

A linha não pára. A velocidade de produção é elevada. Calças, por exemplo, fazem-se 360 por dia. Há muitas máquinas a trabalhar de forma automática, mas a mão humana não é dispensada. A empresa comunica internamente em quatro línguas - e quando é preciso recorre ao tradutor da Google. Amanjot Singh, de 24 anos, já percebe muito bem o português. Mas é de poucas palavras. Deixou a Índia há quase

seis anos, sozinho, e está prestes a conseguir a nacionalidade portuguesa. “Estou muito feliz.” Beatriz Ribeiro apresenta-o como um trabalhador solidário (“Ainda hoje foi ajudar um colega nas Finanças”). Ele justifica os gestos com a crença na reciprocidade. “Em todo o mundo há pessoas boas e más. Se tratarmos bem as pessoas, também nos vão tratar bem.”

Eliane Goulart “fugiu” de um esgotamento no Brasil. Mas errou no destino inicial: “Fomos para o Algarve. Não era sítio de paz.” Quando uma amiga lhe falou no Fundão, mudou-se com o marido e dois filhos. No dia em que chegou, deu de caras com um anúncio da Twintex num painel publicitário: “Estamos a recrutar.” No dia seguinte estava contratada. “Os meus filhos vão para a escola a pé, temos acesso a coisas que não têm preço: sossego, confiança, segurança. O que mais quero?...”

Filipa Batista sabe que a relação entre as comunidades tem de ser trabalhada todos os dias. O *Jornal do Fundão*, por exemplo, fá-lo com um suplemento bilingue escrito por migrantes. “É um processo”, admite Paulo Fernandes. “Primeiro estranha-se, depois entranha-se. A cidade é pequena e as pessoas cruzam-se. A inclusão faz-se com essa proximidade.” Faz-se, também, com um Plano Municipal para a Integração de Migrantes (“é fundamental”), ferramenta que muitos municípios ainda não têm. Recentemente, o Fundão sugeriu nas Nações Unidas a criação de um pacto das autarquias para as migrações. Em breve, vai promover a primeira formação certificada para técnicos de função pública que lidam com migrantes.

E com 74 nacionalidades a conviverem, não há insegurança. Palavra do presidente da câmara: “Pelo contrário. Baixámos os nossos índices de 2022 para 2023.” Além de um combate à desinformação, diz, são urgentes mensagens de empatia. Por ali, apostam na ida de migrantes às escolas - onde também já há 15% de alunos estrangeiros. “É uma luta que se ganha cidadão a cidadão.”

E também com a ajuda dos mediadores interculturais. São oito. E uma deles é Khatuna Sanderson. “Tenho 31 anos, vim da Geórgia”, apresenta-se. Quando a guerra chegou à Ucrânia, ela voluntariou-se no Centro para as Migrações. Sabia russo e podia ser útil. Quatro ou cinco meses depois, surgiu uma oportunidade de trabalho.

No centro, faz da empatia uma arma. “Chegar a um país onde não conhecemos ninguém e não falamos a língua, é um choque.” Khatuna nunca se sentiu discriminada. Parte dessa sensação, acredita, virá de um desentendimento cultural

também. “Se entro num serviço público a falar inglês, as pessoas ficam desconfortáveis. Se tentar o meu português, mesmo partido, há mais abertura.”

Há também o medo. Galvanizado por muitos. “O desconhecido assusta. Mas somos pessoas como todos os outros. Queremos viver de forma feliz e pacífica”, diz. Ela e o marido inglês já venceram essa barreira. São um dos casais mais jovens de uma aldeia do Fundão e foram acolhidos com alegria pelos mais velhos. A estranheza é hoje apenas uma: “Perguntam, espantados, porque é que escolhemos o Fundão. E nós dizemos: ‘Porque gostamos muito da vossa terra.’”



*Abrir portas onde se erguem muros*

---

## Siga-nos

- ✉ Newsletters
- 🔔 Alertas
- f Facebook
- × X
- 📷 Instagram
- in LinkedIn
- ▶ Youtube
- 📡 RSS

## Sobre

- Provedor do Leitor
- Ficha técnica
- Autores
- Contactos
- Estatuto editorial
- Livro de estilo
- Publicidade
- Ajuda

---

## Serviços

- Aplicações
- Loja
- Meteorologia
- Imobiliário

## Assinaturas

- Edição impressa
- Jogos
- Newsletters exclusivas
- Estante P
- Opinião
- Assinar

---

## Informação legal

- Principais fluxos financeiros
- Estrutura accionista

[Gerir cookies](#)

[Ajuda](#)

[Termos e condições](#)

[Política de privacidade](#)

EMAIL MARKETING POR



@ 2024 PÚBLICO Comunicação Social SA